

Andrei Crestani • Clovis Ultramari • Jelson Oliveira

Diálogo sobre a cidade

Entre filosofia, arquitetura e urbanismo



i d s m i
c é o c a
f e a i
Colecção
Café com ideias

**PUCPRESS**

Andrei Crestani · Clovis Ultramari · Jelson Oliveira

Diálogo sobre a cidade

Entre filosofia, arquitetura e urbanismo

Coleção Café com ideias, 3

Prefácio de Sergio González-López

Posfácio de Clara E. Irazábal Zurita


PUCPRESS

Curitiba
2017

© 2017, Jelson Oliveira/ Andrei Crestani/ Clovis Ultramari
2017, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Editor: Marcelo Manduca

Preparação e revisão de texto: Camila Fernandes de Salvo,
Marcelo Manduca

Capa: Rafael Matta Carnasciali

Projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Paitra Design, Rafael Matta Carnasciali

Fotos: Fotolia, Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Gráfica Capital

Conselho Editorial

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Jaime Ramos

Léo Peruzzo Júnior

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. (41) 3271-1701

editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

C922d Oliveira, Jelson
2017 Diálogo sobre a cidade: entre filosofia, arquitetura e urbanismo / Jelson Oliveira, Andrei
Crestani, Clovis Ultramari. – Curitiba : PUCPRESS, 2017.
288 p. ; 20 cm. – (Coleção Café com ideias)

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-68324-19-6 (Coleção Café com ideias)

ISBN 978-85-54945-00-8 (V.I impresso)

1. Planejamento urbano. 2. Filosofia. 3. Vida urbana. 4. Relações humanas. I. Ultramari,
Clovis, 1958-. II. Oliveira, Jelson, 1973-. III. Crestani, Andrei. Título.

CDD 23. ed. — 307.1216

i d S m i
c é o c a
f e a i
a i
Coleção
Café com ideias



Sumário

PREFÁCIO

Caminos dialogales / caminhos dialogais – *Sergio González-López* 5

INTRODUÇÃO 39

1

DA DECIFRAÇÃO E DO ENIGMA 42

O que é cidade: conceito líquido, reação flutuante – *Clovis Ultramari* 45

Cidade, um conceito ético – *Jelson Oliveira* 56

Que cidades restam em nós? – *Andrei Crestani* 69

2

DA CIDADE QUE NÃO VEMOS 80

Retomando as tramas pelo seu avesso – *Andrei Crestani* 83

Das costuras do tecido – *Jelson Oliveira* 94

Eta, dificuldade! – *Clovis Ultramari* 109

3

DA CIDADE COMO EXPERIÊNCIA 122

Tudo está bem! – *Clovis Ultramari* 125

De nossas (des)memórias-das cidades – *Andrei Crestani* 136

Por uma bio-cartografia urbana – *Jelson Oliveira* 149

4

DO IDEAL DE CIDADE ÀS CIDADES REAIS 162

Oh, maçada dos livros primeiros! – *Clovis Ultramari* 165

Entre a carne, a pedra e o pensamento – *Jelson Oliveira* 180

Quando os primeiros ficam para trás – *Andrei Crestani* 194

5

DE CONSENSOS E DISSENSOS	204
Heterotopias ou sobre a utilidade do dissenso – <i>Jelson Oliveira</i>	207
A tensão da matéria – <i>Andrei Crestani</i>	221
Estranhas concordâncias do diálogo – <i>Clovis Ultramari</i>	233
CONCLUSÃO	245
POSFÁCIO	
The city in your/our maze: moving on / A cidade em seu/nosso labirinto: seguindo em frente – <i>Clara E. Irazábal Zurita</i>	247
REFERÊNCIAS	263

CAMINOS DIALOGALES CAMINHOS DIALOGAIS

Sergio González-López*

Como lo señala su título "Diálogo sobre a cidade", esta obra colectiva de Andrei Crestani, Clovis Ultramari y Jelson Oliveira, se propone realizar un diálogo entre los autores sobre la ciudad desde diferentes disciplinas, experiencias y perspectivas. Ante los cambios constantes que la actividad humana tiene sobre el territorio, tareas como esta que emprenden los autores, siempre son oportunas y necesarias, porque hace indispensable cuestionarnos recurrentemente sobre la interpretación de los motivos e implicaciones para la construcción de un presente con futuro. En esta propuesta de diálogo en particular, los autores nos presentan algunos de los vasos comunicantes entre dos disciplinas relativamente próximas entre sí, como es el caso de la arquitectura y el urbanismo (enmarcadas comúnmente en las ciencias duras y sociales), con otra, aparentemente más lejana que es la filosofía (proveniente de las ciencias humanas o del espíritu).

Como o título "Diálogo na Cidade" salienta, esta obra coletiva de Andrei Crestani, Clovis Ultramari e Jelson Oliveira, se propõe a apresentar um diálogo entre os autores a respeito da cidade a partir de diferentes disciplinas, experiências e perspectivas. Frente às mudanças constantes que a atividade humana provoca sobre o território, tarefas como esta realizada pelos autores são sempre oportunas e necessárias porque é indispensável questionar repetidamente a interpretação dos motivos e implicações para a construção de um presente com futuro. Nesta proposta de diálogo em particular, os autores apresentam alguns dos vasos comunicantes entre duas disciplinas relativamente próximas, como a arquitetura e o urbanismo (comumente enquadradas nas ciências puras e sociais), com outra, aparentemente mais distante, que é a filosofia (das ciências humanas ou do espírito).

* Doutor em Urbanismo e mestre em arquitetura pela Universidade Nacional Autônoma do México, onde é professor e Diretor do Instituto de Estudos sobre a Universidade (IESU), Coordenador da Rede Ibero-americana de Investigações sobre Globalização e Território.

La importancia de obras como la presente es la constitución de un puente entre la lucha de los sistemas. Evidentemente, nos mete al problema de la disciplinariedad hasta el de la interdisciplinariedad.

Aunque sólo conozco personalmente a Clovis y Rodrigo, me permitiré referirme por su nombre personal a Andrei y Jelson. En parte, porque en general soy un poco informal (pero no irrespetuoso); pero también porque comparto con el planteamiento de Umberto Eco a Carlo Maria Martin (arzobispo de Milán y obispo católico), en el libro ¿En qué creen los que no creen?, de hablarle por su nombre para establecer mejor el diálogo entre ellos entre hombres libre-pensadores, ya que hay personas que no necesitan de apelativos porque su capital intelectual está en su nombre. Así, me pareció mejor referirme a los autores como Andrei, Clovis e Jelson, que el impersonal Crestani, Ultramarí y Oliveira, respectivamente.

En lo general, ¿qué deja un libro como el que ofrecen Clovis, Andrei y Jelson? La apertura de posibilidades de diálogo, o en otros términos que el fin del diálogo es la posibilidad de contri-

A importância de obras como esta está na constituição de uma ponte entre a luta dos sistemas. Obviamente, isso nos leva do problema da disciplinariedade até o da interdisciplinaridade.

Embora eu apenas conheça Clovis e Rodrigo (que participa como convidado no último capítulo do livro) pessoalmente, vou me permitir referir-me ao nome pessoal de Andrei e Jelson. Em parte, porque em geral sou um pouco informal (embora não desrespeitoso); mas também porque compartilho com a proposta de Umberto Eco para Carlo Maria Martin (arcebispo de Milão e bispo católico), no livro "No que crêem os que não crêem?", de falar do seu nome para melhor estabelecer o diálogo entre eles próprios, livre pensadores, uma vez que há pessoas que não precisam de denominações porque seu capital intelectual está em seu nome. Assim, pareceu-me melhor referir-me aos autores como Andrei, Clovis e Jelson, e não com o imponente Crestani, Ultramarí e Oliveira, respectivamente.

No geral, o que significa um livro como o oferecido por Clovis, Andrei e Jelson? A abertura de possibilidades de diálogo ou, em outros termos, que a finalidade do diálogo é a possibilidade de contribuir para a transformação; porque supõe a

buir a transformarse; que ello supone la interacción de diferentes niveles (personales, profesionales, ciudadanos y de disposición), el diálogo es apertura más que cierre (porque de lo contrario se negaría), ofrece la posibilidad de transitar. También ofrece un formato de diálogo más encarnado, adonde es posible conocer las ideas, casi casi como están surgiendo, lo cual otorga una gran riqueza de interpretaciones y comprensiones. Un diálogo cuestionante sobre nuestra visión y acción, pasado, presente y futura, individual y colectiva. La fraternidad que da la convivencia, adonde ésta no es sólo física, en el mismo espacio, sino el compartir vida incluso a distancia (Londres, Nueva York, Curitiba, que es adonde se encontraban Jelson, Andrei y Clovis).

También, por supuesto, creo llama al planteamiento de Habermas con respecto a las pretensiones de validez, donde se procura establecer un coherencia entre lo pensado, dicho y hecho; así como de la inteligibilidad de conceptos. Por supuesto, si bien se establecen condiciones para el consenso, no es posible llegar a ellos de manera plena como una concesión, afortunadamente, porque el disenso posibilita continuar con el diálogo.

interação de diferentes níveis (pessoais, profissionais, cidadãos e de disposição), o diálogo é abertura em vez de encerramento (porque, do contrário se negaria) e oferece a possibilidade de colocar-se em trânsito. O livro também oferece um formato de diálogo mais encarnado, no qual é possível conhecer as ideias quase como vão surgindo, o que outorga ao texto uma grande riqueza de interpretações e entendimentos. Um diálogo questionante sobre nossa visão e ação, passado, presente e futuro, individual e coletivo. A fraternidade nasce da convivência não apenas física, no mesmo espaço, mas aquela que compartilha a vida mesmo à distância (Londres, Nova Iorque, Curitiba, onde se encontravam Jelson, Andrei e Clovis, quando escreveram essas linhas).

Além disso, é claro, acho que o livro faz referência à abordagem de Habermas quanto às reivindicações de validade, pelas quais tentamos estabelecer uma coerência entre o que se pensa, se diz e se faz; bem como quanto à inteligibilidade dos conceitos. Obviamente, embora as condições estejam estabelecidas para o consenso, não é possível chegar a elas de maneira plena como uma concessão, felizmente, porque o dissenso torna possível dar continuidade ao diálogo.

¿Qué tal si empezamos desde el final? Al cuestionamiento sobre lo que "finalmente" se materializa en esta obra, lo que está impreso y sujeto a un parar (momentáneo). El final no es una conclusión, sino una apertura de posibilidades que, desde la perspectiva de los autores lleva más a múltiples posibilidades de preguntas, que a una respuesta única y definitiva sobre la ciudad.

Al momento de estar leyendo esta obra para la elaboración del posfacio, intenté leer con detenimiento los planteamientos de los autores como las posibles subjetividades que suponía, para poder intentar interpretarlos correctamente, pero sobre todo para comprenderlos en el sentido de que a sus planteamientos pudiese darles un significado en lo personal para mí, para así poderme incorporar como otro participante del diálogo. Por supuesto, esto lo hice desde una selección discrecional que resaltó aspectos que además de tener relevancia para los autores, se combinaba con la que le otorgué como un lector activo dispuesto a participar en un diálogo. Entonces, ver que el diálogo se extiende, como una posibilidad que abren los autores, y como una interpretación que hacen los lec-

E se nós começássemos pelo final? Pelo questionamento sobre o que "finalmente" se materializa nesta obra, sobre o que está impreso e sujeito a uma parada (momentânea). O fim não é uma conclusão, mas uma abertura de possibilidades que, da perspectiva dos autores, conduz mais a múltiplas possibilidades de perguntas do que uma resposta única e definitiva sobre a cidade.

Ao ler esta obra para a preparação deste prefácio, tentei ficar atento às declarações dos autores e às possíveis subjetividades que eu supunha, para tentar interpretá-los corretamente, mas especialmente para compreendê-los no sentido de que suas abordagens poderiam dar-lhes um significado pessoal para mim, para que eu pudesse me incorporar como outro participante do diálogo. Claro, fiz isso com uma seleção discricionária que destacou aspectos que, além de serem relevantes para os autores, combinava com aquilo que eu lhes outorguei como um leitor ativo, disposto a participar de um diálogo. Para, então, ver que o diálogo se estende, como uma possibilidade aberta pelos autores e como uma interpretação feita pelos leitores, seu trânsito para outras formas de com-

tores, su tránsito hacia otras formas de comprensión y de convivencia o comunicación con otros.

Entonces, el interés propio constituye un aspecto clave para el establecimiento del diálogo, al seleccionar el tema, la manera de tratarlo y las conclusiones que deriva. Pero, este camino, aunque pueda ser más o menos claro sobre el principio que el final, durante el camino adquiere múltiples posibilidades, rizomas que no son como vías régias, sino como veredas que, en absoluto pretenden cubrir una totalidad.

En ocasiones, cuando vivimos en una ciudad pareciera que por ese hecho ya la conociéramos. Sin embargo, cuando nuestro acercamiento a ella es como objeto de estudio o profesionalmente, empezamos a verla de manera diferente y esto nos exige replantear la comprensión sobre la misma. Aparecen multitud de realidades que no veíamos en un principio como "simples habitantes", como si en nuestra idea del Universo tengamos que incorporar la extensa materia negra que para nosotros era inexistente o, por lo menos opacada por el brillo de las estrellas de la vida cotidiana.

preensão, convivência ou comunicação com outros.

Então, o interesse próprio constitui um aspecto chave para o diálogo, ao selecionar o tema, a maneira de tratá-lo e as conclusões dele derivadas. Mas este caminho, embora possa ser mais ou menos claro mais no princípio do que no fim, ao longo do percurso adquire múltiplas possibilidades, rizomas que não são como vias régias, senão veredas que, em absoluto, pretendem cobrir uma totalidade.

Às vezes, quando vivemos em uma cidade, parece que, por esse fato, já a conhecemos. No entanto, quando a abordamos como um objeto de estudo ou profissionalmente, começamos a vê-la de forma diferente e isso exige que repensemos a nossa compreensão sobre ela. Aparecem muitas realidades que não víamos inicialmente, como "simples habitantes", como se em nossa ideia do Universo tivéssemos de incorporar a extensa matéria negra que para nós era inexistente ou, pelo menos, obscurecida pelo brilho das estrelas da vida cotidiana.

A obra que se apresenta é inquietante, porque não é convencional, porque sua materialidade é o resultado do

*La obra que se presenta es inquietante, porque no es convencional, porque su materialidad es resultado del proceso de diálogo entre los autores. Lo convencional en las obras colectivas es que, en torno a un tema general y una serie de indicaciones particulares se otorgue cierta libertad y autonomía para realizarlo; lo que permite mostrar sobre todo las perspectivas diferentes más que un diálogo. Entonces, la riqueza de ese tipo de obras radica en mostrar con relativa consistencia teórica y/o empírica **desde** esas perspectivas diferentes.*

*El diálogo que nos ofrecen los autores de esta obra, es un **proceso de diálogo**, es un andar, en un primer momento, parte **desde** las perspectivas particulares pero también de las expectativas originales de cada uno con respecto a los otros; pero que se va transformando en el camino conforme los autores van consensuando y difiriendo conforme discuten sus planteamientos, alcanzando a darle sentido al término "**entre**" las perspectivas, entre la Filosofía, Arquitectura y Urbanismo, como lo señala el título.*

La estrategia que siguen los autores para tal fin es articular su diálogo con base en el abordaje sobre cinco grandes proble-

proceso de diálogo entre os autores. O que é convencional em obras coletivas é que, em torno de um tema geral e de uma série de indicações particulares, concede-se certa liberdade e autonomia para realizá-la; o que permite mostrar sobretudo as diferentes perspectivas mais do que um diálogo. Assim, a riqueza de tais trabalhos reside em mostrar com relativa consistência teórica e/ou empírica a partir dessas diferentes perspectivas.

O diálogo que os autores desta obra nos oferecem é um **processo de diálogo**, é uma caminhada, em primeiro lugar, **a partir** das perspectivas particulares, mas também das expectativas originais de cada uma com respeito aos outros; algo que vai se tornando o caminho conforme os autores vão consensuando e discordando ao discutir suas abordagens, chegando a dar sentido ao termo "entre" as perspectivas, entre a Filosofia, Arquitetura e Urbanismo, como indica o título do livro.

A estratégia seguida pelos autores para tal propósito, é articular seu diálogo com base na abordagem de cinco grandes problemas, no interior dos quais vão alternando a ordem de suas contribuições para que uma abordagem não

mas, al interior de los cuales van alternando el orden de sus contribuciones entre ellos para que no predomine algún enfoque; además –y esto es una de las principales originalidades de la obra– establecen un diálogo crítico durante todo el proceso, expresado en las propias anotaciones que unos hacen sobre otros.

De la descifración y del enigma

En el primer problema para el establecimiento del diálogo "Da decifração e do enigma", los autores se optan por abordar la "ciudad" como un enigma a ser descifrado más que la precisión de un concepto. Clovis, aunque sí pretende de alguna manera tratar la cuestión del concepto, lo relativiza adjetivándolo como líquido y fluctuante.

Clovis, en su trabajo "O que é cidade: conceito líquido, reação fluctuante", nos ofrece un escenario para la discusión sobre la ciudad, en el que se pregunta sobre el significado del fenómeno de la ciudad. Para tal fin, hace un recorrido por cuatro diferentes categorías; partiendo por la más tradicional, que denomina como demográfica y cuan-

predomine sobre a outra; além disso – e esta é uma das principais originalidades do trabalho – estabelecem um diálogo crítico durante todo o processo, tal como está expresso nas próprias anotações que uns fazem a respeito do que os outros escreveram.

Da decifração e do enigma

No primeiro problema para o estabelecimento do diálogo "Da decifração e enigma", os autores optam por abordar a "cidade" como um enigma a ser decifrado em vez de buscarem a precisão de um conceito. Clovis, ainda que pretenda tratar a questão do conceito, o relativiza ao se referir a ele como fluido e flutuante.

Clovis, em seu trabalho "O que é cidade: conceito líquido, reação fluctuante", nos oferece um cenário para a discussão sobre o tema, perguntando sobre o significado do fenômeno da cidade. Para isso, ele transita por quatro categorias diferentes; partindo das mais tradicionais, que denomina como demográfica e quantitativa (recorrendo a autores já clássicos – de inícios do século

titativa (recurriendo a autores ya clásicos –de inicios del siglo XX–, como Louis Wirth, Georg Simmel, Robert Ezra Park y Max Weber); transitando hacia otra con una orientación sociológica Henri Lefebvre –inspirado en Marx y Engels (que privilegia la contrastación entre la ciudad con la aldea, así como las contradicciones en la propia construcción de la ciudad, que expresan las propuestas del modelo económico dominante); la arquitectónica (que resalta la altitud de las edificaciones ciudadanas); la jurídica y político-administrativa.

Jelson aborda el problema desde la filosofía, en particular desde la acepción de ética como morada, lo que, de alguna manera le permitirá tener un diálogo más próximo con sus otros dos colegas que tienen formaciones más científicas que humanísticas. Pero, aborda la morada no sólo como una cuestión dada y estática, sino que rescata la temporalidad, que le da significado a nuestras vidas, al incorporar deseos e ideales, señalando que "en forma de utopía, la ciudad es un sueño que nos habita". Desde este sentido ético, es que lleva a cabo una crítica a esa idea, tal vez predominante, de ver a la ética como una norma, que se apro-

XX – como Louis Wirth, Georg Simmel, Robert Ezra Park e Max Weber); movendo-se para uma perspectiva com orientação mais sociológica, como aquela de Henri Lefebvre – inspirado em Marx e Engels (que privilegia o contraste entre a cidade e a aldeia, bem como as contradições na própria construção da cidade, que expressam as propostas do modelo econômico dominante); ou a perspectiva arquitetônica (que ressalta a altitude das edificações urbanas); ou ainda a perspectiva jurídica e político-administrativa.

Jelson aborda o problema a partir da filosofia, em particular desde a aceitação da ética como habitar, o que, de alguma forma, permitirá que ele tenha um diálogo mais próximo com seus dois colegas que têm formação mais científica do que humanista. A morada, contudo, não é tratada apenas como uma questão dada e estática, mas como um dado que resgata a temporalidade, que dá sentido às nossas vidas, na medida em que incorpora desejos e ideais, observando que "na forma da utopia, a cidade é um sonho que nos habita". A partir desse ponto de vista ético é que Jelson leva a cabo uma crítica a essa ideia, talvez predominante, de ver a ética como uma norma, que se aproxima

xima más a la moral (prescriptiva) que a la ética (reflexiva). Esta distinción es importante porque permite cuestionar los planteamientos que suponen que el deterioro urbano es producto de la desobediencia de las normas, lo cual tiene implicaciones perniciosas porque "des-humanizan" y hacen "autoritario"; más que una participación ciudadana reflexiva y activa, y responsable (siguiendo a Jonas) no sólo de las relaciones humanas sino con la naturaleza, donde las ciudades deben incluir los intereses de los ciudadanos.

Si bien Oliveira, hace un largo recorrido desde autores griegos como Aristóteles, Platón y Sócrates (siglo IV AC) hasta Heidegger, Jürgen, Jasper, Jonas, filósofos muy influyentes desde el siglo XX, recupera una cuestión central –tal vez, poco ortodoxa, pero sin duda muy rica–, el tomar como aspecto de análisis sobre la ciudad el tema de la tecnología, la norma, la movilidad y la felicidad, a partir de una trágica experiencia infantil donde una mujer muere atropellada. Esta pulsión personal, otorga elementos interesantes al análisis sobre lo urbano, que reconoce que "la ciudad no ha sido un lugar de seguridad y de felicidad", por

mais da moral (prescritiva) do que da ética (reflexiva). Essa distinção é importante porque nos permite questionar as abordagens que supõem que a deterioração urbana é um produto da desobediência das regras, o que tem implicações perniciosas porque "desumanizam" e tornam "autoritário"; trata-se mais de uma participação cidadã reflexiva, ativa e responsável (seguindo Hans Jonas), não apenas das relações humanas, mas com a natureza, por onde as cidades devem incluir os interesses dos cidadãos.

Embora Jelson faça um longo percurso através de autores gregos como Aristóteles, Platão e Sócrates (século IV a. C.) até Heidegger, Jürgen, Jasper, Jonas, filósofos muito influentes desde o século XX, recupera uma questão central – talvez não ortodoxa, mas, sem dúvida, muito rica –, para tomar como um aspecto de análise na cidade o tema da tecnologia, da norma, da mobilidade e da felicidade, a partir de uma trágica experiência de infância onde uma garota morre atropelada. Este impulso pessoal dá elementos interessantes à análise sobre o urbano, que reconhece que "a cidade não tem sido um lugar de segurança e felicidade", o que o leva a propor que

lo que plantea que debemos recuperar "la ciudad para nosotros, ha de ser ética para acogernos a todos".

En Jelson se percibe un interés particular sobre la seguridad y la felicidad. Y, por tanto, la preocupación por lo opuesto que predomina en las ciudades. Refiriendo al tema de la inseguridad, él plantea la cuestión del tráfico urbano, qué tal si incorporamos el de la violencia.

Por su parte, Andrei, se pregunta cómo se relacionan nuestras vidas con las ciudades que habitamos. Sin duda, una pregunta esencial en la que, con base en la experiencia propia con relación a los otros autores, Andrei resalta situaciones relevantes que dan riqueza a las posibilidades de entender esta relación. Hay que recordar que cuando se está estableciendo el diálogo Jelson está en Londres, Clovis en Curitiba y él en Nueva York.

Plantea, junto con Heidegger la necesidad de buscar la esencia de habitar. Para el cantautor Luiz Gonzaga la ciudad de hace de dentro hacia afuera; la tecnología posibilita la ilusión de la omnipresencia global, de una conectividad exacerbada que nos desconecta de nuestros espacios de trabajo y vida privada, los confunde. Cuestiona que

devemos recuperar "a cidade para nós, deve ser ética para nos acolher a todos".

Em Jelson se percebe um interesse particular sobre a segurança e a felicidade. E, portanto, a preocupação com o oposto daquilo que predomina nas cidades. Refirindo-se ao tema da insegurança, ele levantou a questão do tráfego urbano, que poderia ser incorporado ao da violência.

Andrei, por sua vez, pergunta-se como nossas vidas se relacionam com as cidades que habitamos. Sem dúvida, uma questão essencial na qual, com base na própria experiência em relação aos outros autores, Andrei destaca situações relevantes que dão riqueza às possibilidades de entender essa relação. Deve-se lembrar que, quando o diálogo está sendo estabelecido, Jelson está em Londres, Clovis em Curitiba e ele em Nova Iorque.

Ele propõe, acompanhando Heidegger, a necessidade de buscar a essência do habitar. Resgatando o compositor Luiz Gonzaga, Andrei retrata uma cidade que se faz de dentro para fora. Avalia criticamente como a tecnologia permite a ilusão de onipresença global, de uma conectividade exacerbada que nos desconecta de nossos espaços de trabalho e vida privada, confunde-nos. Andrei também questiona a

todo tenga que ser etiquetado a partir de la mercantilización; ética banalizada que hace que nos movamos en modelos repetitivos y establecidos del paisaje urbano; dificulta la acción política al sustraernos de una ciudadanía de lo cotidiano. Ciudad de apariencias que nos mantiene presos de las imágenes. Ciudades que nos sofocan.

De la ciudad que no vemos

Andrei se propone abordar la cuestión de la ciudad que no vemos desde la dimensión práctica de las experiencias personales, de las maneras en que cada uno experimenta la ciudad; dejando en un lado posterior la formación profesional (en el caso de él, como arquitecto y urbanista). Para esto, Andrei refiere a la importancia de efectuar una parada, hacer un alto en el camino, retomando la idea de Ana Fani, que denomina como que es relevante por la angustia que produce el "habitar o itempo da reflexión". Esta cuestión es clave, porque uno de los "atributos" de la vida contemporánea es la rapidez, la explosividad de la vida que deja pocos espacios y momentos para la reflexión. Esto,

extensiva rotulação da cidade segundo a lógica da mercantilização, a qual reforça uma ética da banalização e faz com que nos movamos entre modelos repetitivos da paisagem urbana; dificultando nossa ação política, na medida em que vemos um cotidiano de uma cidadania atrofiada. Cidade de aparências que nos mantém prisioneiros de imagens. Cidades que nos sufocam.

Da cidade que não vemos

Neste eixo, Andrei aborda a questão da cidade que não vemos desde a dimensão prática das experiências pessoais, das maneiras pelas quais cada um experimenta a cidade; deixando em segundo plano a formação profissional (no caso dele, como arquiteto e urbanista). Para isso, Andrei se refere à importância de fazer uma parada, uma pausa no percurso, dando relevo a ideia proposta por Ana Fani de "habitarmos o tempo da reflexão". Essa questão é fundamental porque um dos "atributos" da vida contemporânea, a rapidez e a explosão da vida, deixam poucos espaços e momentos de reflexão. Isto, em parte, me lembra a proposta dos movimentos lentos que são

me recuerda en parte la propuesta de los movimientos slow que se desarrollan en diferentes partes del mundo, como opciones ante la aceleración de la vida cotidiana. En la que el tiempo es dinero, cuando según yo el tiempo es vida.

Jelson nos ofrece una situación de tensión sobre la ciudad que no se ve: la primera, la ciudad a la que somos ajenos porque no corresponde con nuestra naturaleza y que aplica medios de control que pretenden uniformizarnos hacia un patrón único de lo que es normal; y, por el otro, múltiples manifestaciones, tiempos y espacios que, corresponden a fragmentos en que no reconocemos vivimos pero que nos integra con el espacio en que también vivimos.

Sobre la primera idea, la de normalizar la conducta humana en la ciudad, retoma al poeta griego Horacio, para pensar a la ciudad como una especie de corrección para el ser humano, es decir para corregir sus instintos y conductas naturales, como una fuerza constructora de civilización. A su vez, de Bataille retoma la metáfora de costura se refiere al medio para controlar la dispersión. La costura es la forma para integrar los contrarios o las contradicciones por medio

desenvolvidos em diferentes partes do mundo, como alternativas diante da aceleração do cotidiano. Em uma realidade em que se diz que o tempo é dinheiro, é preciso lembrar que o tempo é vida.

Jelson nos oferece uma situação de tensão sobre a cidade que não se vê: a primeira, a cidade para a qual somos alheios porque não corresponde à nossa natureza e que aplica meios de controle que procuram uniformizar-nos a um padrão único do que é normal; e, por outro lado, múltiplas manifestações, tempos e espaços que correspondem a fragmentos nos quais não reconhecemos a vida, mas que nos integram com o espaço em que também vivemos.

Sobre a primeira ideia, a de normalizar o comportamento humano na cidade, retoma o poeta grego Horácio, para pensar a cidade como uma espécie de correção do ser humano, isto é, para corrigir seus instintos e comportamentos naturais, como força construtiva de civilização. Por sua vez, de Bataille retoma a metáfora de costura, referindo-se aos meios para controlar a dispersão. A costura é a forma de integrar opostos ou contradições por meio de normas. A padronização dos comportamentos pre-

de normas. La patronización de los comportamientos pretende supuestamente el establecimiento de un ambiente de paz, constituyéndose en una especie de válvula de escape. La patronización es un intento de uniformizar a través del prejuicio sobre lo que no es bueno o aceptable moralmente.

Sobre la segunda, la amalgama entre la ciudad con el ser humano, recurre a la poesía de Baudelaire con respecto a la nostalgia que produjo la modernización de la ciudad de París; al estilista de la moda Ronaldo Fraga quien, en su colección intitulada Cidade sonâmbula (2014), descarnó una ciudad que no duerme; y de Chico Buarque, la letra de Geni y el Zeppelin, adonde la prostituta del pueblo se sacrifica para salvarlo, pero sigue siendo recriminada y apedreada por la población de doble moral.

Por su parte, Clovis enfrenta el problema señalando las dificultades para poder comprender la ciudad satisfactoriamente, pero también reconoce la necesidad de seguir intentándolo. Incluso, aún y cuando esta tarea prácticamente constituye una imposibilidad. En un primer momento nos presenta el mito de Sísifo, quien eternamente deberá intentar subir una pe-

tende supostamente o estabelecimento de um ambiente de paz, tornando-se uma espécie de válvula de escape. A padronização é uma tentativa de padronizar através do preconceito sobre o que não é bom ou moralmente aceitável.

Sobre a segunda ideia, o amálgama entre a cidade e o ser humano, recorre à poesia de Baudelaire com respeito à nostalgia que produziu a modernização da cidade de Paris; o estilista de moda Ronaldo Fraga, que em sua coleção intitulada *Cidade Sonâmbula* (2014), revelou uma cidade que não dormia; e Chico Buarque, na letra de *Geni* e o *Zeppelin*, na qual a prostituta do povo sacrifica-se para salvá-lo, mas continua a ser recriminada e apedrejada pela população de dupla moral.

Por sua parte, Clovis enfrenta o problema, apontando as dificuldades para entender a cidade de forma satisfatória, mas também reconhece a necessidade de continuar tentando. Inclusive ainda e quando esta tarefa praticamente constitua uma impossibilidade. Em primeiro lugar, ele nos apresenta o mito de Sísifo, que eternamente deve levantar uma pedra pesada para que role uma e outra vez de novo.

sada piedra, para que rueda una y otra vez. Pero, Clovis privilegia la interpretación optimista de Camus que lo ve como un acto heroico que justifica la vida; y no como castigo eterno de los dioses por los malos actos realizados por Sísifo. En otro, a partir de los recuerdos de sus primeros acercamientos a lecturas urbanas, encuentra una constante que cada vez se hace más compleja: la clasificación. Iniciando desde las eminentemente cuantitativas, a otras más creativas como las de Soja y Calvino, entre otros autores. También refiere a que otra de las dificultades para comprender la ciudad es que frecuentemente utilizamos referencias creadas y propuestas desde otros contextos que no necesariamente corresponden con los que vivimos cotidianamente.

Entonces, lo que nos ofrece es una serie de siete limitaciones que nos dificultan la comprensión de la ciudad: la inconsistencia de la ciudad; los sofismas que construimos para intentar demostrar que se tiene la razón; los disensos sobre la ciudad; las mutaciones de la ciudad; los palisamentos de la ciudad; el estar aprisionados a la ciudad; la acumulación constructiva de la ciudad; y agrega otra –sugerida por Samira Kauchakje, que señala que tene-

Mas Clovis privilegia a interpretação otimista de Camus que o vê como um ato heróico que justifica a vida e não como punição eterna dos deuses pelas más ações feitas por Sísifo. Em outro, a partir das memórias de suas primeiras abordagens das leituras urbanas, ele encontra uma constante que cada vez está se tornando mais complexa: a classificação. Partindo das eminentemente quantitativas, para outras mais criativas, como as de Soja e Calvino, entre outros autores. Ele também se refere a outra das dificuldades para compreender a cidade, o fato de que frequentemente usamos referências criadas e propostas de outros contextos que não correspondem necessariamente aos que vivemos diariamente.

Então, o que oferece é uma série de sete limitações que dificultam a nossa compreensão da cidade: a inconsistência da cidade; os sofismas que construimos para tentar provar que estamos certos; os desentendimentos sobre a cidade; as mutações da cidade; os palisamentos da cidade; o estar aprisionados na cidade; a acumulação construtiva da cidade; e acrescenta outra – sugerida por Samira Kauchakje, que salienta que

mos dificultades para comprender la ciudad porque estamos presos a una idea ya determinada idea sobre ella que no aceptamos modificar.

De la ciudad como experiencia

Para abordar el tema general del apartado La ciudad como experiencia, Clovis inicia su trabajo "Tudo está bem" retomando las mismas referencias iniciales del correspondiente de Andrei "De nossas (des)memórias das cidades", sobre la cuestión de la memoria en Monastirski y Nietzsche. Resaltando que la débil memoria nos da la oportunidad de divertirnos más sobre la misma cosa que "olvidamos" y volvemos a "recordar", asimismo que los olvidos son una estrategia de selección más que una inercia. Esto, para explorar cómo a partir de un mismo punto de partida se podría recorrer un camino diferente y, con ello poder ofrecer una visión donde podamos expresar no sólo por las experiencias pasadas, sino como seleccionamos nuestro presente y el modo como pensamos el futuro. Esto, hace que me venga a la memoria Jorge Luis Borges, en el trabajo intitulado "Fu-

temos dificuldade em entender a cidade porque estamos presos com uma ideia e uma certa ideia já determinada e que não aceitamos modificar.

Da cidade como experiência

Para abordar o tema geral do capítulo "A cidade como experiência", Clovis começa seu trabalho "Tudo está bem", retomando as mesmas referências iniciais de Andrei em seu texto "De nossas (des) memórias da cidade", sobre a questão da memória em Monastirski e Nietzsche. Ressalta que a memória é débil e nos dá a oportunidade de nos divertirmos sobre aquilo que nós "esquecemos" e voltamos a "recordar", sendo o esquecimento também uma estratégia de seleção mais do que uma inércia. Isto, para explorar como, a partir do mesmo ponto de partida, um caminho diferente pode ser percorrido e, assim, oferecer uma visão pela qual podemos expressar não só experiências passadas, mas também como selecionamos nosso presente e a maneira como pensamos sobre o futuro. Isso me faz lembrar Jorge Luis Borges, em seu trabalho intitulado "Funes

nes el memorioso", en su libro Ficciones de 1944, donde también presenta el caso de un personaje que, a raíz de un accidente que sufrió, recuerda absolutamente todo, sin distinción de relevancia, pero con fuertes limitaciones para pensar, en tanto capacidad de generalizar y abstraer.

Plantea las ciudades ante la desesperanza en que vivimos, nos impone un dualismo entre la alegría y la sumisión. La alegría a partir de la nostalgia por las pasadas relaciones más próximas a la naturaleza, la idea o memoria colectiva o estar sumisos ante las potentes imposiciones urbanas sobre las que tenemos poco margen de libertad de elección.

Ofrece un recurso interesante para proyectarnos en lo urbano en el tiempo, como son algunos filmes futuristas, que presentan escenarios distópicos. No obstante, señala que los datos apuntan que históricamente las condiciones de salud y educación, entre otros temas, en las ciudades han mejorado, aunque de manera desigual, hay que seguir manteniendo una visión crítica hacia las grandes carencias que se siguen padeciendo, sin embargo aún son el mejor de los mundos que tenemos como opción.

el memorioso", em seu livro *Ficções*, de 1944, no qual o autor também apresenta o caso de um personagem que, como resultado de um acidente que sofreu, passa a recordar absolutamente tudo, sem distinção de relevância, mas com fortes limitações para pensar, como capacidade de generalizar e abstrair.

Entender as cidades em face da desesperança em que vivemos, impõe um dualismo entre alegria e submissão. A alegria a partir da nostalgia pelas relações passadas mais próximas da natureza; a ideia ou memória coletiva de estar submissos às poderosas imposições urbanas nas quais temos pouca margem de liberdade de escolha.

Clovis, assim, oferece um recurso interessante para nos projetar no urbano e no tempo, por meio de alguns filmes futuristas, que apresentam cenas distópicas. No entanto, ressalta que os dados apontam que, historicamente, as condições de saúde e educação, entre outras questões, nas cidades melhoraram, embora de forma desigual, embora seja preciso manter uma visão crítica das principais carências que continuam padecendo, elas ainda são o melhor dos mundos que temos como opção.

Andrei retoma los planteamientos de Monastirki y Nietzsche sobre la memoria y desmemoria, para el primero como una elección entre ellas, y para el segundo como una necesidad para no enloquecer. De ellos, deriva dos maneras de ver la ciudad, pero agrega otra posibilidad urbana, como la producción y reproducción de espacios vacíos de sentido. Tal vez, como algo que no amerita memorizar ni desmemorizar.

Antes de iniciar a hacer la referencia hacia lo urbano, Andrei formula cuatro aspectos relevantes sobre la memoria, a partir de la mitología griega sobre Urano, Gaia y Cronos: La memoria como proceso de conciliación entre pasado, presente y futuro; la distinción entre memoria e historia; la memoria es hermana del tiempo; así, la memoria fluye con la historia y el tiempo.

En otro trabajo reciente, Andrei con Klein, plantean que la memoria codifica imágenes situadas espacialmente, y esto puede ser útil para orientar sentidos sobre el espacio urbano. Asimismo, el olvido posibilita hacer más agradable los fragmentos de ciudad pasados que los presentes, y la posibilidad de que el futuro podrá ser mejor, porque la me-

Andrei retoma as declarações de Monartirski e Nietzsche sobre a memória e a desmemória, para o primeiro como uma escolha entre elas, e para o segundo como uma necessidade para não enlouquecer. Deles derivam duas maneiras de ver a cidade, às quais Andrei agrega outra possibilidade urbana, como a produção e reprodução de espaços vazios de sentido. Talvez, como algo que não mereça nem memorizar e nem esquecer.

Antes de começar a fazer referência ao urbano, Andrei formula quatro aspectos relevantes da memória, a partir da mitologia grega sobre Urano, Gaia e Cronos: a memória como um processo de conciliação entre passado, presente e futuro. Andrei faz a distinção entre memória e história, mostrando como a memória flui junto com a história e o tempo.

Em outro trabalho recente, Andrei e Klein, sugerem que a memória se codifica em imagens espacialmente situadas, o que pode ser útil para orientar os sentidos sobre o espaço urbano. Do mesmo modo, o esquecimento possibilita tornar mais agradáveis os fragmentos passados da cidade do que o seu presente, ao mesmo tempo, "esquecer" abre a possibilidade para que o futuro seja melhor, porque a memória

moria se organiza también con el olvido, y nos permite narrar aquello que nos resulta significativo.

Esta posibilidad particular, contrasta con la tendencia a la imposición de la historia única (que señala Adichie, 2009), impuesta por la repetición desde el poder. Situación diferente a la que plantea Innerarity (2006), para quien, más que historia única impuesta, se puede avanzar hacia una identidad colectiva por medio de la clarificación de los sentidos que el pasado tiene para el presente. Por su parte, Pêcheux (1999) aplica el término de asentamiento de significados en la memoria con base en la repetición de prácticas y discursos referidos territorialmente. Andrei y Alves (2016) presentan la interesante idea de la rapidez global que conecta contenidos estandarizados con micro-geografías urbanas construidas por relaciones específicas. Esta dilusión de las singularidades locales (siguiendo a Deleuze, 2000, p. 76 y Linardi, 2001, p.17) debilita a la memoria, y conduce a la desintegración de la memoria urbana, y desenraizando las relaciones entre los individuos y sus espacios. Donde estos espacios desmemoriados podrían asociarse a la idea de los no-lugares propuestos por

também se organiza com aquilo que escolhemos esquecer, para que possamos narrar o que entendemos como significativo.

Essa possibilidade refletida por Andrei contrasta com a tendência de imposição de uma história única (como denuncia Adichie, 2009), como também ressalta a proposta Innerarity (2006), para quem, ao invés de uma única história imposta, deveríamos mover-nos em direção a uma identidade construída por sentidos coletivos que o passado possa expressar para o presente. Em sua proposta, Pêcheux (1999) aplica o termo de assentamento de significados na memória com base na repetição de práticas e discursos referenciados territorialmente. Andrei e Alves (2016) apresentam a ideia interessante de que a velocidade global possa conectar certos conteúdos, padronizando as micro-geografias urbanas e destituindo suas relações específicas. Essa diluição das singularidades locais (segundo Deleuze, 2000, p. 76 e Linardi, 2001, p. 17) debilitaria a memória e conduziria à desintegração da memória urbana, arruinando as relações entre indivíduos e seus espaços. Tais espaços esquecidos poderiam estar associados à ideia dos não-lugares, proposta por Marc Augé. Andrei também menciona

Marc Augé. Menciona también la idea de Ana Fani Carlos, sobre su efecto negativo sobre la potencia creativa de lo cotidiano al fragilizar la renovación de la memoria. Finalmente, Andrei considera que la llave de la memoria está en el presente porque es en él adonde se posibilitan las prácticas para enfrentar el desafío de reconciliar lo que recordamos de lo que olvidamos.

Jelson aborda su texto "Por una bio-cartografía urbana", desde dos ejes: la experiencia y la memoria, que sintetiza en el concepto de mapa, como representación, orientación y desplazamiento de sentidos; y asume como referente de entrada a Giorgio Agamben, en torno a su crítica a la vida moderna que vacía el sentido de nuestras vidas, por el empobrecimiento de nuestras vivencias ante el exceso de ofertas que restan importancia a las vivencias cotidianas como algo significativo. Esto, entraña dos peligros desastrosos: la búsqueda compulsiva de lo extraordinario, y la permisividad a la crueldad o, en otros términos, la falta de sentido crítico a formas de deshumanización ante la violencia, los abusos, la barbaridad.

La experiencia auténtica, aquella derivada de la experiencia propia subje-

a ideia de Ana Fani Carlos, sobre o efeito negativo dos espaços desmemoriados sobre a vida cotidiana, enfraquecendo a renovação da memória. Finalmente, Andrei acredita que a chave da memória está no presente porque é ali que são possíveis as práticas para enfrentar o desafio de reconciliar o que recordamos com o que esquecemos.

Jelson aborda dois eixos em seu texto "Para uma bio-cartografia urbana: a experiência e a memória", que sintetiza no conceito de mapa, como representação, orientação e deslocamento de sentidos; e assume Giorgio Agamben como referência de entrada, em torno de sua crítica da modernidade que esvazia o significado de nossas vidas, pelo empobrecimento de nossas experiências ante o excesso de ofertas que prejudicam a importância das vivências cotidianas como algo significativo. Isso implica dois perigos desastrosos: a busca compulsiva do extraordinário e a permissividade à crueldade ou, em outras palavras, a falta de sentido crítico em relação às formas de desumanização diante da violência, dos abusos e da barbaridade.

A experiência autêntica, derivada de nossa própria experiência subjetiva de

tiva de cosas que van teniendo sentido para nosotros, y que se está gestando desde la infancia, se va extinguendo hasta ser prácticamente excluida por las exigencias que impone la objetividad exterior y el pensamiento operatorio, por el mundo moderno urbano del trabajo, hasta apresarlo en un mundo de experiencias inauténticas. Señala que el problema de la alienación desde la infancia y el problema de la memoria, constituye una crisis de la memoria, porque quien no tiene una experiencia significativa para sí, transita un camino sin dejar rastro propio; siendo apresado por eslogan y fragmentos de discursos de otros, haciendo que viva con ideas postizas, con las que nada crea sino todo lo copia.

En este contexto, la ciudad es un lugar de exceso de experiencias, adonde el mapa, como mecanismo de localización, es un medio para la orientación en el laberinto urbano, pero también puede ser un instrumento de deslocalización, porque no necesariamente corresponde un mapa objetivo con un mapa afectivo, así la idea de deslocalización es que lo vivido deja una huella en la memoria, un rastro que nos permite experimentar sentimientos de alegría y sufrimiento, y

coisas que fazem sentido para nós, e que está sendo gestada desde a infância, vai se extinguindo até ser praticamente excluída pelas demandas e exigências impostas pela objetividade externa e pelo pensamento operatório, pelo mundo urbano moderno do trabalho, até capturá-la em um mundo de experiências inautênticas. Jelson ressalta que o problema da alienação desde a infância e o problema da memória, constituem uma crise da memória, pois quem não possui uma experiência significativa para si mesmo, anda por um caminho sem deixar um rastro próprio; sendo aprisionado por slogans e fragmentos de discursos dos outros, fazendo-o viver com ideias falsas, com as quais o indivíduo não cria nada, mas tudo copia.

Nesse contexto, a cidade é um lugar de excesso de experiências, onde o mapa, como mecanismo de localização, é um meio para orientação no labirinto urbano, mas também pode ser um instrumento de deslocalização, porque não necessariamente conecta um mapa objetivo a um mapa afetivo. Assim, a ideia de deslocalização ocorre quando aquilo que é vivido deixa uma marca na memória, uma trilha que nos permite experimentar sentimentos de alegria e sofrimento,

que no se borra porque deja una marca esfumada en la ciudad, en nuestra ciudad que recordamos a partir de la experiencia que tuvimos.

Del ideal de ciudad a las ciudades reales

Para seleccionar las lecturas que lo iniciaron en su formación profesional sobre lo urbano, Clovis opta por aquellas que fueron indicadas por sus profesores, más que escogidas por él.

Su primer autor fue Kevin Lynch (1918-1984), con su obra "A imagem da cidade", que ofrece un modelo conceptual con base en las formas contruidas en las ciudades. Este texto le resultó complicado por tener referencias lejanas de ciudades que aún no conocía y, por tanto, con dificultades para contextualizarlo a la realidad brasileña. Otro de sus libros primogênitos fue "A cidade na história: suas origens, suas transformações, suas perspectivas, de Lewis Mumford (1895-1990), que también le representó dificultades para contextualizarlo a la situación brasileña. El libro "The death and life of great

algo que não se apaga porque deixa uma marca esfumaçada na cidade, na nossa cidade, aquela que lembramos a partir da experiência que tivemos.

Do ideal de cidade às cidades reais

Para selecionar as leituras que o iniciaram em sua formação profissional no meio urbano, Clovis opta por aquelas que foram indicadas por seus professores, mais do que escolhidas por ele.

Seu primeiro autor foi Kevin Lynch (1918-1984), com sua obra "A imagem da cidade", que oferece um modelo conceitual baseado nas formas construídas nas cidades. Este texto lhe pareceu difícil por ter referências distantes de cidades ainda não conhecidas e, portanto, com dificuldades para contextualizar a realidade brasileira. Outro dos seus livros primogênitos foi "A cidade na história: suas origens, suas transformações, suas perspectivas", de Lewis Mumford (1895-1990), que também representou dificuldades para contextualizá-lo na situação brasileira. O livro "A morte e a vida das

American cities", de Jane Jacobs (1916-2006), que trata sobre la defensa de las vialidades y la convivencia comunitaria que hace una activista, en contra de las acciones del planificador y prefecto de Nueva York. Texto, si bien también referido a otro contexto como los anteriores, le produjo una simpatía inmediata.

Clovis, resalta diversas enseñanzas de su primeras lecturas: eran lecturas sobre realidades lejanas que dificultaban su tratamiento para situaciones específicas de las ciudades brasileñas; a pesar de eso él no haría una defensa del nacionalismo ni tampoco compartiría pretensiones con valor universal sobre lo urbano, porque hay que reconocer lo diverso de las bases territoriales y ambientales.

Jelson tuvo dos vías originarias para conocer sobre la ciudad: la experiencia propia y la filosofía. Adonde la filosofía, le permitió comprender la ciudad como carne, piedra y pensamiento. Desde la filosofía, fueron claves las lecturas de Tucídides "Historia da guerra do Peloponeso", de la cual extrae la idea de ciudad como espacio para la asimilación y la inspiración filosófica; de "A República" de Platón, la armonía entre belleza física y virtud moral, organizada no por medio

grandes cidades americanas", de Jane Jacobs (1916-2006), trata da defesa das vias e da convivência comunitária que faz um ativista contra as ações do planejador e prefeito de Nova Iorque. O texto, embora também se refira a outro contexto como os anteriores, produziu uma simpatia imediata.

Clovis resalta vários ensinamentos de suas primeiras leituras: foram leituras sobre realidades distantes que dificultavam seu tratamento para situações específicas das cidades brasileiras; apesar disso, ele não faria uma defesa do nacionalismo e também não compartilharia pretensões com valor universal sobre o urbano, porque é preciso reconhecer a diversidade das bases territoriais e ambientais.

Jelson teve dois caminhos originais para conhecer a cidade: sua própria experiência e a filosofia. Foi a filosofia que permitiu entender a cidade como carne, pedra e pensamento. A filosofia foi a chave para as leituras de Tucídides "História da Guerra do Peloponeso", da qual extraiu a ideia da cidade como espaço de assimilação e inspiração filosófica; de "A República" de Platão, a harmonia entre a beleza física e a virtude moral,

del pudor y el miedo, sino de la dignidad y gloria de sus habitantes, adonde la ciudad es capaz de garantizar la satisfacción de las necesidades humanas, en ella, la sociedad se organiza en clases sociales y división social el trabajo que tienen un símil con las funciones del propio cuerpo humano, donde el equilibrio es una condición necesaria; y de "A Política" de Aristóteles, que la ciudad es una comunidad, un espacio político que se constituye para procurar el bien y la felicidad de todos, es una lugar para la realización plena del ser humano, donde va de la mano la idea del ciudadano como aquel que tiene el derecho de participar en la deliberación sobre el rumbo de la ciudad.

Esta visión griega es retroalimentada en la experiencia de Jelson con la lectura de otros filósofos. De Nietzsche rescata la importancia que le otorga a la geografía sobre el ingenio, estado de ánimo y felicidad de los individuos, pero también reconoce la dureza polémica con que se refiere a la masificación y decadencia. De Hobbes y Rousseau, la ciudad como espacio del ejercicio de la ciudadanía. Es a partir de Hegel, entendió que la ciudad es una experiencia filosófica, que le permitió comprender desde su ju-

organizada não por meio do pudor e do medo, mas da dignidade e da glória de seus habitantes, já que a cidade é capaz de garantir a satisfação das necessidades humanas pois nela, a sociedade é organizada por meio das classes sociais e da divisão social do trabalho que tem um símile com as funções do próprio corpo humano, no qual o equilíbrio é uma condição necessária; e "A Política" de Aristóteles, obra na qual a cidade é uma comunidade, um espaço político constituído para procurar o bem e a felicidade de todos, um lugar para a plena realização do ser humano, onde a ideia do cidadão caminha de mãos dadas com aquele que tem o direito de participar nas deliberações sobre o rumo da cidade.

Esta visão grega é retroalimentada na experiência de Jelson com a leitura de outros filósofos. De Nietzsche lembra a importância da geografia sobre a genialidade, o estado de ânimo e a felicidade dos indivíduos, mas também reconhece a dureza polémica com a qual o autor se refere à massificação e à decadência. De Hobbes e Rousseau, a cidade como espaço para o exercício da cidadania. E é a partir de Hegel que ele entendeu que a cidade é uma experiência filosófica

Conheça os outros livros da coleção



i d s i
c é o a
f e a i

Coleção
Café com ideias



Esta edição foi composta pela Editora Universitária Champagnat/PUCPRESS e impressa na Gráfica Capital em papel *offset* 90g/m² (miolo) e papel supremo 250g/m² (capa).

"Esta obra coletiva se propõe a apresentar um diálogo entre os autores a respeito da *cidade*, a partir de diferentes disciplinas, experiências e perspectivas. Frente às mudanças constantes que a atividade humana provoca sobre o território, tarefas como esta são sempre oportunas e necessárias, porque é indispensável questionar repetidamente a interpretação dos motivos e implicações para a construção de um presente com futuro. Nesta proposta de diálogo em particular, os autores apresentam alguns dos vasos comunicantes entre duas disciplinas relativamente próximas, como a Arquitetura e o Urbanismo (comumente enquadradas nas ciências puras e sociais), com outra, aparentemente mais distante, que é a Filosofia (das ciências humanas ou do espírito). Trata-se de um diálogo *questionante* sobre nossa visão e ação a respeito da cidade, seu passado, presente e futuro, individual e coletivo. A obra resulta inquietante, porque não é convencional e porque sua materialidade é a consequência do processo de diálogo entre os autores, oriundo da fraternidade que nasce da convivência não apenas física e no mesmo espaço, mas aquela que compartilha a vida mesmo à distância (Londres, Nova Iorque, Curitiba, onde se encontravam Jelson, Andrei e Clovis quando escreveram essas linhas)". (Sergio González-López, no *Prefácio*)

"Há muito neste livro para ser plenamente apreciado à primeira vista. Serão necessárias múltiplas leituras para que a abundância de temas, conexões e significados nos seja totalmente revelada, se assim for possível. Ler este livro é então, até certo ponto, uma experiência semelhante à de um *flâneur* que anda na cidade, deixando-se passar por ela, deixando-a surpreendê-lo com estímulos inesperados na volta de cada esquina. Avançando adiante, é imperativo que os diálogos que se desencadeiam a partir deste livro continuem a impulsionar-nos "da cidade como ela é" em direção "ao que ela deveria ser". Sem remorsos e sem equívocos, deveríamos nos esforçar para aproximar-nos de cidades mais justas e sustentáveis. As estradas que tomamos e os modos que empregamos podem ser diversos, mas devemos forjar e sermos forjados em cidades que possam nutrir a todos nós". (Clara E. Irazábal Zurita, no *Posfácio*)